

A perversão no feminino*

Edilene Freire de Queiroz

Este artigo se propõe fazer uma reflexão sobre a perversão no feminino. Ele parte do princípio de que a perversão feminina não conota a mesma forma que a masculina e igualmente nem a maneira como uma e outra tomam o corpo como instrumento. Discute, um pouco, a aproximação da perversão feminina com a histeria de conversão e com os fenômenos psicossomáticos, mas destaca, fundamentalmente, a ação da Verleugnung (mecanismo básico da perversão) no corpo.

Tais questões são pensadas, reportando-se a fragmentos de um caso clínico e à luz de um artigo de Alain Abelhauser, La femme et la perversion, apresentado na Jornada de Estudos da Association Freudienne Internationale (Paris, janeiro/1999).

Palavras-chave: Perversão feminina, *Verleugnung*, corpo, sintomas psicossomáticos, Síndrome de Münchhausen

* Trabalho apresentado em 16.6.2001, na XVII Jornada do Círculo Psicanalítico de Pernambuco, sob o tema “Dependência e solidão”, realizada em Recife-PE. Trata-se de uma segunda versão; a primeira foi apresentada no VII Encontro do Centro de Pesquisa de Psicanálise e Linguagem (CPPL), em Recife-PE, em 5.5.2001, com o título “O corpo e o desmentido no feminino”.

Apresentação

O ato de psicanalisar pressupõe que o analista tenha como pano de fundo a subjetividade que se produz no seu tempo, razão pela qual estamos sempre nos encontrando em colóquios, seminários e congressos, para dar conta das novas formas de sintomas e prestar conta, de um certo modo, de nossa escuta clínica. Assim sendo, tomemos como referência, pelo menos para esta discussão, o fato de que no Outro social, hoje, inscrevem-se formas e usos de perversões. Esse cenário justifica a incidência de trabalhos abordando tal tema como, por exemplo, o da Jornada da Associação Freudiana Internacional, realizada em janeiro de 1999. Roland Chemama abriu o evento pontuando duas questões fundamentais:

1^a) a perversão não pode ser discutida como uma questão intemporal, que se leve do mesmo modo que há um século;

2^a) o discurso social de hoje está fortemente marcado pela dimensão perversa que incita o sujeito a acreditar que para cada um existe um gozo acessível, um gozo ligado à possessão ou ao uso de um objeto determinado.

Comungando de tais questões e instigada pela clínica, tenho me lançado, nos últimos anos, no estudo do mecanismo perverso – a *Verleugnung*. Primeiramente, investigando o

efeito desse mecanismo no discurso, agora verificando sua ação no feminino. Encaro este trabalho como um desafio, pois conheço poucos autores que se tenham dedicado à referida questão e, menos ainda, utilizado da clínica. Trata-se, portanto, de um terreno movediço, incerto, fronteira com outras psicopatologias.

Se tomarmos como modelo estrutural da perversão a sexual e, especificamente, o fetichismo, haveremos de admitir, como François Perrier (Granoff e Perrier, 1979) e tantos outros autores, que a mulher não se perverte. Se, como nos ensina Lacan, considerarmos o fato de a mulher ser não toda submetida à castração e, portanto, não se reger completamente pelas leis simbólicas, podemos pensar que nela existiria uma via natural aberta à perversão, tornando-a propícia a ocupar o lugar de objeto *a*. A literatura sobre o assunto tem enfatizado o quanto a mulher se implica na perversão, mas sempre em relação ao desejo masculino.

Desse modo pode-se pensar numa perversão tipicamente feminina?

Para tentar responder, trabalho com três referências fundamentais:

- os estudos que empreendi sobre a *Verleugnung* (desmentido) como mecanismo básico da perversão;
- os ensinamentos advindos da clínica, reportando-me a fragmentos de um caso clínico;
- e, por último, o texto de Alain Abelhauser¹ sobre “La femme et la perversion”, apresentado na Jornada a que antes me referi.

A *Verleugnung* e o feminino

Na tradição psicanalítica, coloca-se a perversão como o ideal desejado pelo neurótico acreditando que nela haveria um acesso mais satisfatório ao gozo, por isso ela habita suas fantasias. Mas, a despeito de a fantasia do neurótico ser perversa, de ser a perversão inerente à estrutura do fantasma e de existir em toda criança uma tendência perversa polimorfa, ela continua um problema para diagnóstico, para demanda de análise, para a escuta do analista, para a direção da cura. Ainda se põem dúvidas quanto à análise de perversos, e não sem razão pois, na maioria das vezes, os sintomas não se modificam, contudo já se admite a permanência de sujeitos perversos em análise. Eles se sustentam em análise por

1. Alain Abelhauser é psicanalista, mestre de conferência, diretor de pesquisas e diretor do Departamento de Psicologia da Universidade de Rennes II.

uma transferência em ato cujos sintomas se articulam, fundamentalmente, ao Outro.

É sabido que a primeira aproximação de Freud ao tema da perversão foi instigada pela crença da existência real da cena de sedução relatada pelas histéricas, portanto pelo discurso feminino. Mais tarde, veio ele descobrir tratar-se de algo da ordem das fantasias. Ao considerar a neurose como o negativo da perversão, ele coloca, de um certo modo, os sintomas neuróticos como efeito do repúdio à perversão. A concepção de uma perversão polimorfa na infância se abriu para uma discussão menos moralizante, pois escutando as histéricas Freud, gradualmente, foi se desprendendo da concepção das perversões como desvio sexual, e, aos poucos, as inseriu nos processos psicosssexuais e na economia das pulsões.

No texto “Pulsões e destinos da pulsão” deixou claro que os dois primeiros destinos dizem respeito a soluções neuróticas (recalcamento e sublimação) e, os dois últimos (transformação em seu contrário e retorno sobre a própria pessoa), a soluções perversas. Um pouco antes, no texto “Sobre o narcisismo: uma introdução”, a perversão aparece quando ele discute o processo de idealização e formação do ideal do ego. Enquanto não se “forma tal ideal a tendência sexual aparece inalterada sob a forma de uma perversão” (Freud, 1925, p. 118). Sabemos que a formação do ideal do ego está diretamente ligada à ação do recalque, por isso ele impõe severas condições à satisfação da libido por meio de objetos. Qualquer estado que ponha em suspensão a ação do recalque promove a reinstalação das perversões. Isso porque põe em descoberto a ação de um outro mecanismo, mais arcaico, próprio da perversão – a *Verleugnung*. Em “Uma criança é espancada” (1919), cujo subtítulo é “Contribuições ao conhecimento da gênese das perversões sexuais”, Freud deixa entrever uma certa preocupação em distinguir a propriedade do masculino da do feminino ao tentar esboçar uma estatística da incidência de tais fantasias nos dois gêneros. Porém conclui tratar-se de algo inerente à estrutura da fantasia, independente do gênero de quem a produz.

O enigma do feminino aparece como configurando a causa da perversão, quando ele identifica o mecanismo próprio do perverso – a *Verleugnung* (o desmentido) –; o fetichismo passa a ser apontado como modelo dessa estrutura. Ele discute o fetichismo a partir da lógica fálica, operando com dois elementos básicos: de um lado, a impossibilidade de reconhecer a falta na mulher-mãe e, do outro, o objeto-fetice, signo da castração materna, cuja função é tamponar a falta e proteger o sujeito contra a angústia de castração. Essa posição exercida ante a impossibilidade de reconhecer a existência de um ser não possuidor do atributo fálico põe em questão, no perverso, as teorias sexuais de universalização do *phallus*, ao mesmo tempo em que o transforma em um pesquisador siderado

pelo feminino. Sciara² enfatiza tal aspecto, apontando o homem como um predador do corpo feminino. Vê-se aí o laço, a “ligadura imaginária” (Assoun, 1993, p. XI), ligando o perverso à mulher; por isso recomenda Assoun, e também Clavreul, que se deve considerar sempre um casal, um par – o perverso e a mulher –, pois há uma interface do feminino com a perversão. Esta seria, então, uma espécie de alegoria do feminino, talvez de um “feminino primordial”³ no qual se atribui à mãe uma onipotência fálica, um gozo ilimitado e devorador. Nesse sentido, falar de perversão é falar de um feminino que circula no homem e na mulher, num tempo pré-edípico.

Parto do pressuposto de que há destinos diferentes para o desenvolvimento psicosssexual masculino e para o feminino. “Se a castração refere-se tanto à mulher quanto ao homem, ela não a interpela, em primeiro lugar, enquanto ameaça” (Dor, 1991, p. 186). Não tendo nada para salvar, ao contrário do menino, ela se mantém no lugar de objeto para um Outro, ou sendo, num primeiro momento, o que falta à mãe, ou, num segundo momento, fazendo-se amar pelo pai, na esperança de obter deste a compensação de sua falta. Ela desloca para o pai os fins passivos de sua ligação libidinal com a mãe.

Contudo, se concordamos que o feminino se comporta de modo diferente ante a constatação da castração materna supõe-se, também, a perversão feminina não conotar da mesma forma que a masculina e, igualmente, a maneira como uma e outra tomam o corpo como instrumento.

Observa F. Perrier e W. Granoff que a mulher pode ser fetichizada, mas não fetichista. Ela é frequentemente tomada como instrumento e objeto-causa da perversão, assujeita-se ao desejo do Outro, oferecendo-se para ocupar o lugar de objeto *a*. Há, na relação amorosa, um pacto de cumplicidade, de “cumplicidade objetal” (Assoun, 1993, p. XX): de um lado, a mulher se oferece como objeto parcial para o homem e este, por sua vez, visa na parceira não a sua totalidade, mas sim os objetos que ele pode recortar do corpo feminino. Diríamos que ela causa o desejo no homem quanto mais pode despertar nele as fantasias perversas. Nesse contexto, estão sempre implicados dois lugares frente ao Outro, justificando a necessidade de um pacto para a manutenção das relações.

O fato de a mulher ser não toda submetida à castração, como nos ensina Lacan, torna-a um par ideal para o perverso pois, como este, ela também almeja

2. “il est un ‘rat’ qui s’engouffre dans l’appareil génital féminin” (Sciara, L. “J’ai une passion de l’oeil”. In *Cahiers de l’Association freudienne internationale. Qu’appelons-nous perversion?*, p. 103.

3. Esse termo foi empregado por Stoller ao defender a tese de que “o transexual seria precisamente aquele que não conseguiria ultrapassar a feminilidade primordial”. Ela estaria na base de todas as identidades. (Dor, Joël. *Estrutura e perversões*, p. 169.

um gozo além do fálico. Esse estado de “cumplicidade objetal” que é reservado à mulher confunde a questão: ela se oferece como objeto-causa da perversão, mas não se perverte? Esclarecem F. Perrier e W. Granoff que o fato de não ser ela fetichista não a impede de perverter sua libido, e de um modo narcísico. “A mulher torna-se para ela mesma seu próprio fetiche à medida em que oferece seu corpo ao gozo...” (Dor, 1991, p. 186). Essa tese, Piera Aulagnier também a sustenta ao mostrar a atração particular que a paixão exerce sobre a mulher. Vimos também em Freud, quanto o estado de paixão é propício ao escoamento da libido para o objeto.

Por essa vertente, convém empreendermos uma discussão sobre a manifestação de uma perversão no feminino. Se atribuímos à palavra perverter o sentido de desviar-se do caminho ou do destino, podemos encarar a possibilidade de uma perversão, não no sentido de desvio sexual utilizado pela tradição de Krafft Ebing, mas no de perverter a libido.

Em alguns trabalhos, encontramos uma certa tentativa de tipificá-la. Dor, por exemplo, distingue dois modos de perversão feminina – a homossexual e a transexual –, embora considere arriscado falar de perversões sexuais na mulher. F. Perrier e W. Granoff, por sua vez, sublinham duas vias de escoamento dos traços perversos: a homossexualidade e também a maternidade. Segundo eles, o amor materno pode se manifestar de dois modos: pela sublimação e pela vertente perversa. Argumentam que, por tratar-se de uma relação não fundada sob o registro da lei, ela se torna menos protegida e por isso mais vulnerável à instalação de pactos perversos. A mãe narcisista, por exemplo, na impossibilidade de reconhecer a falta, faz do seu bebê um objeto de recobrimento desta.

Sem deixar de reconhecer a propriedade de tais hipóteses pretendo seguir um percurso diferente: trabalho com a hipótese de uma variação da perversão feminina na qual vamos encontrar não só o desvio da libido para o corpo bem como, neste, a incidência da ação da *Verleugnung*, do desmentido. Num outro estudo que empreendi sobre a perversão, considerei a alternativa de esse mecanismo se manifestar no discurso, agora penso em centrar a discussão em torno do fato de ele se manifestar no corpo. A conversão histérica já poderia ser vista como um exemplo de desvio da libido para o corpo, porém, nesse caso, a perversão aí se manifesta na sua vertente negativa. Supõe-se, então, a ação do recalque – a *Verdrängung* – determinando um outro roteiro para a libido. No caso da perversão propriamente dita, as relações com o corpo ainda estão determinadas por procedimentos primários e, portanto, não é o recalque que está em ação. Assim, quanto mais nos aproximamos dos processos primários mais aparece o enraizamento da pulsão no corpo, mais aparece a ação da *Verleugnung* sobre os processos psíquicos. Tais processos dizem respeito ao registro das sensações e percepções pertencentes ao primeiro sistema.

Sempre que nos reportamos às questões das estruturas clínicas, somos convocados a dirigir nosso olhar para as fases pré-edípicas e, conseqüentemente, para um momento da constituição subjetiva no qual imperava a lógica fálica e os processos primários.

Recordemos que, segundo Freud, o aparelho psíquico constitui-se de dois sistemas: o perceptivo e o de representação. O primeiro rege-se pelos processos primários e o segundo pelos secundários, e supõe dois estágios. A passagem de um material de um sistema a outro supõe uma transcrição ou retranscrição determinada por uma operação de negativização ou defesa. Cada transcrição subsequente inibe a anterior e retira o processo de excitação. Se falta uma transcrição subsequente, a excitação é manejada segundo as leis psicológicas vigentes no sistema anterior. Penso que os desvios ocorrem no momento de transcrição do material de um sistema a outro, quando as defesas se manifestam. A falha ou a fenda deixada pelo recalque põe à mostra uma defesa arcaica – a *Verleugnung* –, defesa do sistema perceptivo, e justifica a apreensão da castração pela imagem corporal.

Sabemos, desde Freud, que o sentido do termo, *Verleugnung* é o de negar uma presença-existência. Ele parte da premissa de que a visão da castração feminina produz um efeito traumático no sujeito; como conseqüência, ocorre um registro duplo no aparelho psíquico: constata-se a existência, mas se recusa a admiti-la. O atributo fálico se alterna nessa imagem, numa temporalidade de presença e ausência, e a *Verleugnung* revela essa tensão. No dicionário de Hanns (1996, p. 303-13) registram-se outras variações de sentido para o citado termo, como: desmentir, agir contra a própria natureza ou negar a presença de algo.

O desvio da libido para o corpo se dá, no caso da histeria de conversão, pela ação do recalque, provocando um desaparecimento total da cota de afeto e a retirada do conteúdo ideativo da consciência. Penso que a falência ou insuficiência do recalque pode também produzir um escoamento da libido para o corpo, mas de outra natureza. Neste caso, o processo é comandado pelas leis psicológicas do primeiro sistema, ou seja, pelo mecanismo da *Verleugnung*.

Veremos a seguir, a partir de fragmentos clínicos, como se manifestam e se conjugam esses elementos. Convém ressaltar que os subsídios clínicos aqui descritos serão tomados enquanto matérias-primas necessárias à modelagem de conceitos, ou melhor, de metáforas.⁴ A escuta de cada caso afeta o analista no

4. Segundo Flora Singer a metáfora opera em direção à potência de sentido, ao contrário do conceito que opera em direção à exclusão de um sentido diferente. A primeira se constitui de cadeias de significantes cuja significação não é absoluta, senão relativa à sua posição singular na cadeia, portanto mais adequada à singularidade da clínica; ao passo que o segundo conduz a definições cristalizadas e menos dinâmicas. (Singer, F. A teoria e seu objeto. Psicanálise e

desejo de construir uma experiência sobre a singularidade da clínica, reinscrevendo o discurso da analisante num outro registro, no registro da ficção. Portanto, as reconstruções e re-inscrições que se seguem dizem mais respeito à escuta do analista e menos à fala da analisante. São articulações significantes em torno da ação da *Verleugnung* no corpo.

Fragmentos clínicos

Uma mulher me procurou pedindo ajuda porque sozinha não entendia o que se passava com ela. Não sabia mais o que era certo e o que era errado, tampouco a noção exata do que podia estar causando a si e também a outras pessoas.

Inicialmente a queixa se ateve à necessidade de se separar de um relacionamento homossexual mantido já há alguns anos. Referiu-se à parceira como alguém com quem ela “*se misturou*” (sic). Narrou uma história conflitiva com a companheira, permeada de cobranças, ciúmes e traições. E dentre as traições vividas tanto com parceiros, homens, como com parceiras, mulheres, recordou-se, particularmente, de uma ocorrida há um ano em meio, antes de vir procurar análise. Essa traição provocou muitos transtornos na relação com a companheira. Contou que se envolveu com um homem e dele engravidou. Apesar de não querer ter filhos por não se reconhecer voltada à maternidade, decidiu não abortar. No entanto, a gravidez não foi adiante. Segundo parecer médico, o feto não se desenvolvia, havia parado de crescer, sendo obrigada a submeter-se a uma curetagem. A analisante se reportou a esse momento como vivido com “*muita piração*” (sic): reconheceu que fora má para com a parceira, pois colocou-a numa situação na qual não podia competir.

Pouco tempo depois de iniciada a análise, os desentendimentos se agravaram tornando a relação insustentável. Resolveram, então, se separar. Mesmo assim, permaneceu entre elas um comportamento de ciúme e de vigilância, mais exacerbado por parte da cliente. A dor resultante da separação ela a descreveu, utilizando uma metáfora: comparou a separação à cirurgia de xifópagas; isso porque a companheira lhe devolvera algumas fotografias cortadas ao meio, separando, assim, as imagens de ambas. Com o tempo, foram refazendo as vidas. Mantêm contacto por telefone e às vezes se visitam, porém sem retorno dos vínculos anteriores. Já investem em novos relacionamentos.

Porém, o que antes era vivido como dificuldade de romper uma relação agora se transforma em dificuldade de manter um vínculo: a proximidade de alguém a sufoca, isso em todos os níveis de relacionamento – amoroso, de parentesco ou de amizade. À medida que elabora tais questões, desenvolve três linhas associativas mantidas ao longo da análise, as quais considero significativas para se pensar numa perversão no feminino.

a) *Histórias das atuações: “lambendo a morte”*

Relatou histórias de excessos vividos na adolescência: exceder na bebida, cair na gandaia, buscar situação de risco. Saiu de casa aos 18 anos, viajou com uns amigos “*para o que desse*”. “*Ninguém se expôs tanto*”, observa, “*se tivesse acontecido hoje, com certeza eu estaria incluída em algum grupo de risco*” e acrescenta “*eu tinha a morte na minha frente*”. Ainda hoje considera vida e morte como significando a mesma coisa, pois ficar de cara com a morte a faz sentir-se plena e vê-se sempre jogando xadrez com ela. Encara sua vida como um filme de suspense, no qual a morte tem de estar muito presente. Há na sua história episódios nos quais viveu ameaças reais de morte:

- primeiramente, ainda quando bebê, sua mãe, num momento de fúria, arremessou-a no ar em direção ao seu pai;
- depois sofreu um afogamento;
- e, mais recente, teve um espasmo da glótis, com parada respiratória, em decorrência de uma alergia.

Falou de sua atração por drogas e do seu comportamento sexual: “*eu era uma puta, mas, na questão de sexo, eu ajo um pouco como a maneira masculina – galinhando*” (sic).

b) *Representações fantasmáticas*

Sua produção onírica sugere uma atividade fantasmática em torno de questões primitivas talvez ligadas ao enigma dos sexos. Sonha com a África, com animais, com figuras não-humanas, metade homem e metade árvore, totens, símbolos arcaicos, símbolos incas, ou fantasia ser outra pessoa. Segundo sua interpretação, todos esses sonhos parecem levá-la para algum ponto primitivo de si mesma. Penso, então, na “feminilidade primordial” apontada por Joël Dor. Narra um sonho repetitivo com um banheiro de uma casa onde morou quando criança e do qual sente asco. Nesta cena onírica ela dispõe de algumas lajotas de cerâmica para fazer uma reforma no banheiro e nelas aparecem algumas inscrições como hieróglifos; não sabe explicá-las nem as associa com alguma coisa. Em outro sonho, experimenta uma sensação de arrebatamento como se alguém lhe tomasse

o corpo: a voz não era mais a sua e sim a de um homem. Sente medo de não voltar para o corpo de mulher. Mais adiante, refere dois sonhos também com conteúdos de transformação/incorporação: num, come gente, uma pessoa esquartejada, era um homem; noutro, um homem impede sua passagem para algum lugar. Este homem estava nu, viam-se os órgãos internos, o fígado; refere ter sentido medo de que os órgãos pudessem cair do corpo. Interpreto que sem o pai que a sustenta ela pode literalmente cair, no entanto o destino o fez cair doente, de câncer de fígado, e morrer.

Numa das últimas produções oníricas, ela se vê dentro do ventre de uma serpente. O significante serpente se manifesta freqüentemente no seu discurso, quer em relatos de sonhos, quer para adjetivar a mãe como serpente ou víbora, quer para expressar a sensação psicológica de estar mudando ou caindo a casca (pele) como uma serpente. Nesse sonho paradoxal, aparecem condensados, num mesmo símbolo, a representação de um feminino fálico, onipotente e também a da castração. As associações desses sonhos sempre a levam a confrontar-se com a relação materna. Atribui à mãe a causa de todos os seus males.

c) Conversões somáticas

A terceira linha associativa diz respeito a uma espécie de conversão somática, ora de caráter mais histérico, ora de caráter mais psicossomático. O mal-estar físico a acompanha desde criança. Sente-se doente, sabe que não pode beber, pois está com suspeita de cirrose hepática, mas bebe. Entretanto, esta possibilidade não se confirma e os médicos não sabem explicar a mudança ocorrida no exame laboratorial. No decorrer da análise, a história das doenças físicas vai aparecendo, mantendo o tratamento numa espécie de dualismo psicofísico, não só porque adoece, de fato, necessitando de cuidados médicos, além de psicológicos, como também porque tais doenças passam a habitar seu discurso na análise. Recentemente esteve com suspeita de um adenoma ou tumor modular focal no fígado, cujo diagnóstico também ficou em suspense. Logo em seguida, apresentou um derrame no olho: suspeita de alteração no humor vítreo com risco de descolamento da retina.

Outros sintomas físicos manifestados se relacionam a uma desorganização do sistema imunológico: colagenose, artrite reumatóide, psoríase.⁵ Os exames laboratoriais acusam a presença de linfocitose. Paralelamente mantém uma história

5. Nas doenças auto-imunes, as proteínas destroem o núcleo das próprias células. Há uma incapacidade de se reconhecerem e terminam atacando a identidade celular. Segundo Gilda Kelner, ocorre uma espécie de "suicídio celular".

de sangramento nasal que a acompanha desde criança e cuja causa, segundo ela, os médicos não conseguem identificar. Os sangramentos acontecem de repente, o que muitas vezes requer a hospitalização. Quando criança, sofria de infecção renal, “*vivia de rosto inchado*” (sic). Chegou a ser operada de cálculo renal. Quando adulta, extirpou um cisto de ovário e um nódulo mamário. Apresenta também fadigas sazonais, dores de dente inexplicáveis e alergias; a mais recente manifestou-se num acampamento onde foi picada por formigas: teve espasmos da glótis e parou de respirar. Em decorrência de tal quadro, apresentou alterações cardiológicas, o que exigiu acompanhamento médico por alguns meses. Ela se compara a uma “*cápsula de céσιο*” (sic) e se percebe perigosa para si mesma. “*Eu tenho um lado suicida*”, “*eu me adoço*” (sic).

Todas as suas doenças, de um modo geral, são inexplicáveis: começam com traços e sintomas de quadros graves e, por encanto, se “transformam”, deixando os médicos sem respostas. O signifiante “transformação” aparece na história da analisante tanto no corpo como no sonho. “*Vivo uma realidade virtual*” (sic).⁶ Importa frisar que, paradoxalmente, ao adoecer, procura tratamento e segue com rigor as prescrições médicas, demonstrando cuidado consigo própria a ponto de uma amiga criticá-la por se cuidar em demasia. Responde a essa crítica, dizendo o seguinte: “*alguma coisa que faltou, a gente tenta preencher de todo o jeito*” (sic).

Quando está passando mal, não acha ruim, pois parece-lhe estar passando por um momento de transformação. Trata tais inscrições no corpo como hieróglifos que precisam de decifração e se empenha nesse trabalho. Percebo aí uma paixão pelo enigma do corpo feminino: um sofrimento que se transmuta em gozo, um gozo em “*ser lambida pela morte*” (metáfora empregada por ela). Goza com o corpo, afetando-o, mutilando-o. Gozo masoquista, sacrificial, próprio da aceitação da feminilidade pela histérica. Inclino-me a pensar que estou diante de uma histeria de conversão. Porém, o jogo de alternância de presença e ausência dessas lesões corporais lembra o modo binário como Lacan descreve os fenômenos psicossomáticos. Na *Conferência de Genebra*, Lacan toma esses fenômenos psicossomáticos pelo viés do gozo específico, o gozo auto-erótico, que se inscreve diretamente no corpo não-subjetivado, sem a mediação da metáfora paterna. O que vem do Outro se inscreve diretamente no corpo. Parece haver uma subversão dialética entre corpo e Outro: o corpo ocupa o lugar do Outro e fala no lugar da

6. Segundo Derrida, o virtual é também uma espécie de presença, na qual a oposição presença-ausência não funciona. Ele o compara ao que acontece com o espectral que transita entre o mundo dos vivos e dos mortos, portanto na presença e na ausência. (Nascimento, Evandro. *A solidariedade dos seres vivos*. Entrevista de Jacques Derrida à *Folha de S. Paulo*, 27.5.2001).

linguagem, reduzindo o par significativo S_1-S_2 ao UM do traço unário que se congela no corpo. O ataque ao corpo reproduz sua relação com a mãe.

Entretanto também percebo uma outra espécie de gozo, igualmente ligado ao Outro, mas enquanto submetido à impostura que o seu corpo produz. Interpreto como sendo a ação da *Verleugnung* no corpo, nos seus desdobramentos polissêmicos (desmentir, recusar a falta, negar a presença de algo, agir contra a natureza). O corpo entra como instrumento de oferenda ao Outro. Observa Lacan, em *Radiofonia*, que na perversão há uma submissão aos imperativos do gozo do Outro como nos fenômenos psicossomáticos; mas, diferente destes, que reduzem o par significativo ao UM, naquele já ocorre ALGUM DOIS. O Outro é convocado a se cumprir no desmentido que o corpo produz, deixando-o siderado.

Fragmento da história de vida

A história de vida da analisante se desenrolou num meio familiar hostil: convivia, de um lado, com uma mãe que, segundo ela, a torturava, de outro, com um pai capado e um irmão esquizofrênico com crises agressivas violentas, precisando, às vezes, da interferência da polícia.

Qualifica o ambiente de sua casa como insuportável e adjetiva sua família como a Família Adams. Observa que o pai não ganhava o suficiente para mandar e a mãe tornou-se o homem da casa, e homem violento. Todos os homens da família eram “apagados”, “anulados”, “desclassificados” (sic). Considerava a mãe “uma máquina de fazer loucos” (sic). Quando criança só pensava em duas coisas: primeiro sair dali e, segundo, não se deixar enlouquecer por sua mãe. Quando assim pensava, cortava os cabelos.⁷ Durante o dia, convivia com o desprezo e a ferocidade da mãe e, à noite, esperava o pai para dormir; ele a transportava para o mundo da fantasia, contando histórias. Era uma maneira de se aliviar dos sofrimentos físicos e morais passados durante o dia. Recentemente revelou que, quando pedia um presente ao pai ele nunca dizia que não podia comprar, e sim que o brinquedo estava sendo fabricado. Mantinha-lhe a ilusão

7. Acredita-se que os cabelos possuam o dom de conservar relações íntimas com o ser, mesmo depois de separados do corpo deste. Daí o culto das relíquias de santos ou o hábito de conservar cachos de cabelos. Os cabelos representam também a força e a virilidade, como no mito de Sansão. Na China, o ato de cortar os cabelos correspondia não só a um sacrifício como também a uma rendição. Na mulher, a cabeleira está ligada à noção de provocação sensual, constituindo-se numa das armas de sedução, cortá-la significa renunciar a essa possibilidade (Chevalier, J e Gheerbrant, A. *Dicionário de símbolos*. p. 153-56).

de um dia o desejo poder ser concretizado. “*Ele construía uma coisa que sumia. Quando descobri, não acreditei mais nele. A sensação foi de ter acordado. Foi uma coisa esquisita, parecia que eu tinha caído num mundo inadequado*” (sic). Novamente o significante “cair” para indicar: o cair do lugar das possibilidades, o cair do lugar da onipotência fálica. Mesmo diante da desilusão, manteve com o pai uma aliança que perdurou até sua morte, ou, talvez além dela, perpetua-se pelos sintomas de patologias hepáticas que manifesta.

Nas ocasiões em que o acompanhava aos médicos, observava por parte destes certa relutância em acreditar no fato de seu pai não beber. Agora é ela quem bebe e quem engana os médicos no jogo de presença-ausência de doenças. Sempre desejou parecer-se com o pai para não ser igual à mãe, porém hoje se percebe repetindo os mesmos traços perversos e violentos da mãe. O pai é que a salvou da morte quando a mãe, num gesto de fúria, durante uma discussão com o marido, arremessou-a no ar.

François Perrier (Granoff e Perrier, 1979) observa a vulnerabilidade da maternidade à manifestação de uma vertente perversa por tratar-se de uma relação que não se funda pelo registro da lei – basta o pai não se exercer plenamente nas funções de interditor, como nos leva a crer esse caso. A genitora renegava todos os homens; para ela, era melhor ter uma filha puta do que um filho homem – desejo que a analisante tentou cumprir na adolescência.

Nos momentos difíceis vividos na infância, ante às surras da mãe, planejava tomar veneno de rato, em vez disso optou por estudar e por desenvolver a “*capacidade de adoecer*” (sic), mesmo tendo que lidar com o fato de a mãe debochar sempre de seus sintomas. Tal como no ato de cortar o cabelo, o de adoecer parece ligar-se a uma castração que nela se manifesta no real. O adoecer físico, a dor, representava a prova da própria existência, uma existência de alternância presença-ausência, no limite de vida-morte. É importante lembrar que, paralelamente aos transtornos apresentados, esforça-se por se fazer reconhecer como uma profissional competente, comprometida, que “*trabalha feito bicho*” (sic). É responsável pelo próprio sustento, ajuda os irmãos e os sobrinhos e, freqüentemente, convocam-na a opinar nas decisões de família. Goza de *status* e respeito perante a família.

Assisti a sessões dramáticas em que me veio a sensação de ela ter chegado a um estado de completo desamparo. Parecia colocar-se em xeque-mate, mas depois conseguia sair. O adoecer também significava uma demanda de cuidados e, ao mesmo tempo, uma erotização do corpo. Sua aparência física não denota alguém alquebrado pela doença, mesmo nos estados mais críticos, há sempre um viço e um deboche da vida, da morte, da família.

O fato de ter me interessado, nos últimos cinco anos, pelo tema da perversão me levava a acreditar que existia alguma associação dos estados manifestados

por essa analisante e a perversão sem, no entanto, perguntar-me qual seria a sua especificidade. As hipóteses de uma histeria de conversão e de fenômenos psicossomáticos não podem ser desprezadas, porém o fenômeno do desmentido se destaca na sua história, de tal modo que não posso deixar de pensar na *Verleugnung* como seu mecanismo básico. Essa última hipótese tomou corpo após a leitura do texto de Alain Abelhauser, já referido anteriormente.

La femme et la perversion segundo Abelhauser

Para tratar da questão da mulher e a perversão, ele começa por distinguir certos sintomas de patologias graves, como anemias, câncer, patologias cardiovasculares apresentadas por determinados pacientes que se submetem a tratamentos prolongados e a internações e, num belo dia, esses sintomas desaparecem sem a equipe médica encontrar razão plausível. Esse tipo de quadro clínico, diz ele, é identificado como a síndrome de Münchhausen, considerada, no DSM-III, como fazendo parte das perturbações factícias.

À guisa de esclarecimento e de acordo com o DSM-III, as perturbações factícias caracterizam-se pela simulação repetida e hábil de uma doença física ou mental por nenhuma outra razão aparente, senão a de obter tratamento médico ou psiquiátrico imediato. Para apoiar suas histórias, esses pacientes podem simular sintomas sugestivos de uma perturbação ou iniciar a provocação de sintomas por meio de automutilação ou de interferência nos processos diagnósticos. O aspecto ímpar dessas perturbações é constituído pelo objetivo único de assumir o papel de doente. O DSM-III descreve três categorias distintas de perturbações factícias: a doença factícia crônica com sintomas físicos – mais conhecida como síndrome de Münchhausen – é o tipo mais reconhecido e relatado; as doenças factícias com sintomas psicológicos, e outras doenças factícias com sintomas físicos.

A síndrome de Münchhausen apresenta um curso clínico variável, com rápida produção de complicações ou nova patologia quando o exame inicial é negativo. Acontece de se encontrar, na história de vida desses pacientes, o fato de, frequentemente, passarem algum tempo na prisão, quase sempre por crimes insignificantes tais como furto, vagabundagem e conduta desordeira, indicando uma certa propensão à transgressão. Pode ocorrer também hospitalização psiquiátrica intermitente.

Esses quadros, por serem encarados como simulação ou pantomimas, sempre se associam a manifestações histéricas, no entanto Alain Abelhauser (1999, p. 5-14) chama a atenção para uma certa variante dessas dificuldades, que normalmente são confundidas com as patologias factícias e que devem ser

entendidas de um outro modo. Segundo ele convém distinguir os sujeitos que buscam se fazerem reconhecer como doentes – para isso apelam para o poder de convencimento de seus discursos, para a simulação – daqueles que invocam um ataque real do corpo, requerendo intervenção médica; estes últimos buscam se fazer reconhecer como doentes porque reconhecem que contêm uma falha no corpo. As posições subjetivas das duas classes de sujeitos são diferentes. No primeiro caso, o traço fundamental é a simulação; no segundo, o traço fundamental é o fato de se reconhecerem como portadores de uma falha. Exigem de um Outro, no caso, do médico, o reconhecimento do estado de doente. De um lado tais pacientes organizam, deliberadamente, o dano no corpo para, através do dano, poder constatar haver uma falha outra no corpo. Na realidade, o que eles demandam do Outro é a confirmação da falha outra inscrita no corpo. Essa é a maneira que encontram para dar consistência à falta e para fazer salientar a falta no lugar do Outro. O corpo se oferece como lugar para encarnar o significante da falta. Se o sujeito se constitui na sua relação com o Outro, o corpo, como formula Lacan, é também o Outro de si – o lugar de desvio do sujeito dele mesmo.

Assim, o Outro é, ao mesmo tempo, o corpo e o olho que o olha; como na fantasia “bate-se numa criança”, ambos participam da encenação e encarnação da falta. Conforme Clavreul, o olho ocupa um lugar central e problemático na perversão, porquanto a ilusão tem que ser vista. Há, nessa atitude, um efeito duplo do gozo – o gozo da mutilação, decorrente do mal que inflige ao corpo, e o gozo do engano, da impostura, da detenção de uma verdade que se agita para, em seguida, ser um logro sob o nariz do Outro.

Abelhauser se pergunta por que determinados sujeitos precisam dar uma tal consistência à falta? O que faz o sujeito vivê-la em dois registros – no do real, pela via do dano somático, e no do simbólico, atingindo a integridade do Outro? Que relação guardam tais atitudes com o feminino, e mais, com a perversão no feminino?

Se, na ótica de Lacan, a posição feminina, por uma parte, deve ser organizada, como todo sujeito, numa referência fálica, por outra parte, ela não se insere completamente nessa lógica, pois a castração não se constitui para ela como uma ameaça. A percepção da falta no corpo feminino, pela mulher, vai introduzi-la num gozo outro não-indexado ao *phallus*, de um certo modo “deslocalizado”, deslizado, “metonimizado” pelo corpo.

Podemos dizer, então, que aquilo que não passou pela barra do recalque pode retornar ao corpo, ao terreno da percepção/sensação. Esse resto, esse “a mais” situado além do princípio do prazer, que Lacan chama de gozo, aponta para outra direção, a de um acréscimo e, por conseguinte, se associa à dimensão da dor que, nesse sentido, não se distingue do gozo. No caso clínico apresentado, a presença de uma mãe fálica, onipotente e devoradora, e de um pai fraco, capado,

incapaz de interditar a mãe, fizeram com que o atributo fálico fosse sempre percebido numa posição enganosa. A ilusão mantida pelo pai nas promessas dos presentes exacerbou o estado de desmentido. O ataque ao corpo, ao mesmo tempo que se pode ler como inscrição da castração no real, é também o modo de ela denunciar a presença-ausência da falta não-simbolizada.

Referências

- ABELHAUSER, Alain. La femme et la perversion. *Cahiers de l'Association freudienne internationale. Qu'appelons-nous perversion?* Journées d'études, Paris, 16, 17, 19, 21 Janvier 1999, p. 5-14.
- ASSOUN, Paul-Laurent. *Freud e a mulher*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- DOR, Joël. *Estrutura e perversões*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- FREUD, S. (1925). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: *E.S.B.* Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1986. v. 14.
- GRANOFF, W. e PERRIER, F. *Le désir et le féminin*. Paris: Aubier, 1979.
- HANNS, L. A. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Resumos

Este artículo propone una reflexión sobre la perversión en lo femenino. Toma como principio el hecho de que la perversión femenina no connota de la misma manera que la masculina y igualmente ni la manera como una y otra usan el cuerpo como instrumento. Se discute la aproximación de la perversión femenina con la histeria de conversión y con los fenómenos psicossomáticos, pero enfatiza, fundamentalmente, la acción de la Verleugnung (mecanismo básico de la perversión) en el cuerpo.

Tales cuestiones son pensadas, reportándose a fragmentos de un caso clínico y a la luz del artículo de Alain Abelhauser, La femme et la perversion, presentado en la Jornada de Estudio de la Association Freudienne Internationale (Paris, enero, 1999).

Palabras llave: Perversión femenina, Verleugnung, cuerpo, síntomas psicossomáticos, Síndrome de Múchhausen

Cet article propose faire une réflexion sur la perversion au féminin. Il part du principe que la perversion féminine ne se configure pas la même façon que la masculine

et également ni la manière comme chacune prend le corps de l'Autre comme un instrument. Il discute, un peu, le rapprochement de la perversion féminine avec l'hystérie de la conversion et avec les phénomènes psychosomatiques, mais, il met, surtout, en valeur l'action de la Verleugnung (mécanisme de base de la perversion) dans le corps.

Ces sujets ont été pensés se reportant sur les fragments d'un cas clinique et à la lumière d'un article de Alain Abelhauser, La femme et la perversion présenté dans les Journées d'Étude de l'Association Freudienne Internationale (Paris, janvier/1999).

Mots clés: Perversion féminine, Verleugnung, corps, symptôme psychosomatiques, Syndrome de Münchhausen

This paper is intended as a reflection on perversion in women. It is based on the principle that perversion in women does not have the same form as in men, and that each sex sees its body as instrument in a different way. It discusses the approximation of perversion in women with conversion hysteria and with psychosomatic phenomena, but it especially highlights the action of Verleugnung (basic mechanism of perversion) in the body.

These questions are taken up based on fragments of a clinical case and on Alain Abelhauser's point of view, as presented in his article, La femme et la perversion, presented at the Cycle of Studies sponsored by the Association Freudienne Internationale (Paris, January, 1999).

Key words: Perversion in women, Verleugnung, body, psychosomatic symptoms, Münchhausen Syndrome